

# Ursula chega ao Uruguai e indica acordo UE-Mercosul

Trato criaria mercado de 750 milhões de pessoas, 1/5 do comércio global

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Após alguns dias de mistério, Ursula von der Leyen chegou ao Uruguai. A presença da presidente da Comissão Europeia na cúpula do Mercosul, que ocorre nesta quinta e sexta-feira em Montevideo, seria sinal inequívoco de que o tratado de livre comércio entre o bloco sul-americano e a União Europeia está prestes a sair do papel. O documento é gestado há mais de duas décadas e criaria um mercado de 750 milhões de pessoas, responsável por um quinto do comércio global.

No começo da semana, portavozes da presidente disseram que a viagem não estava na programação; sua agenda tampouco mostrava outros compromissos para os dias da cúpula sul-americana. Procurados novamente pela reportagem para atualizar a informação, os assessores não responderam.

A imprensa alemã já descartava sua participação, nesta quinta, quando a própria política anunciou sua chegada ao país sul-americano. "A linha de chegada do acordo UE-Mercosul está à vista. Vamos trabalhar, vamos cruzá-la. Temos a chance de criar um mercado de 700 milhões de pessoas. A maior parceria de comércio e investimento que o mundo já viu. Ambas as regiões serão beneficiadas."

Ursula é defensora do acordo, assim como Alemanha, Espanha, Portugal, Suécia e outros países do bloco. Opõem-se ao tratado a Fran-



Presidente da Comissão Europeia é defensora da parceria com Mercosul

ça, maior produtor agrícola da Europa, e países como Polônia, Áustria e Holanda, onde o veto é bandeira da direita e da extrema direita.

A grave crise política na França era levada em consideração, de acordo com analistas, e talvez por isso a presença da UE no Uruguai foi anunciada apenas após a queda do primeiro-ministro, Michel Barnier. Indagada em entrevista coletiva sobre a questão, assessora da Comissão Europeia afirmou que "é normal a presidente fazer consulta a líderes, sobre os diversos assuntos", mas que ela não poderia confirmar se Ursula havia conversado com o Palácio do Eliseu.

A ratificação do tratado em Bruxelas é o próximo capítulo complexo da novela. Envolveria a revisão técnica e a votação do documento no Parlamento europeu, nos parlamentos de cada país-

membro da UE e nos Legislativos dos sul-americanos.

Para evitar a manobra, os franceses teriam que garantir a adesão de ao menos quatro nações a uma dissidência no Conselho de Ministros, o que já existe, e o correspondente a 35% da população europeia, conta que só fecharia com a adesão de um país do porte da Itália. A Comissão tem mandato para negociar tratados comerciais, mas é o Conselho, formado por representantes de cada um dos 27 países-membros, que os avaliza.

Até aqui, a premiê Giorgia Meloni, à frente do terceiro maior exportador da UE para o Mercosul, não estabeleceu uma posição firme sobre participar ou não do grupo de oposição. O acordo interessa especialmente à Alemanha, que lidera a lista de exportadores do continente.

## Radicais tomam cidade estratégica para Assad na Síria

/ GUERRA

Rebeldes liderados pelo grupo radical islâmico HTS tomaram nesta quinta a estratégica cidade síria de Hama, bastião da ditadura de Bashar al-Assad cuja queda coloca em risco linhas defensivas vitais para Damasco e seus aliados russos e iranianos.

Segundo o comando do grupo, cuja sigla árabe significa Organização para a Libertação do Levante, em referência ao nome histórico da região que vai da Síria ao Líbano e Israel/Palestina, seus soldados invadiram após breves combates.

Depois de negar a invasão, o

Exército sírio confirmou a ação e disse que iria redistribuir suas tropas na região para "preservar vidas civis e evitar combate urbano". Resta agora saber se as forças conseguirão se reagrupar em posições defensivas em torno da cidade, que com quase 1 milhão de habitantes é a terceira maior da Síria, ou fugirão.

A defesa de Hama havia virado prioridade para Assad depois que a surpreendente ofensiva rebelde tomou em poucos dias na semana passada Aleppo, a segunda maior cidade síria, que fica 136 km a noroeste pela estratégica rodovia M5. A partir dela, o caminho fica mais livre para os re-

beldes descerem a estrada a Sul: em 46 km estão em Homs (quarta maior cidade) e, mais 164 km, em Damasco (maior). Por evidente, há diversas fortificações no caminho, mas a facilidade da ofensiva mostra que elas não estão tão bem guarnecidas quanto se esperava.

A Rússia de Vladimir Putin, que desde 2015 intervém em favor de Assad na guerra, ficará numa situação bastante complexa. Há diversos postos militares russos em torno da região, que fica a meros 100 km da principal base aérea do Kremlin no Oriente Médio, Hmeimim, e a cerca de 115 km do porto de Tartus, operado por Moscou.

## Oposição anuncia para este sábado votação de pedido de impeachment

/ COREIA DO SUL

A oposição da Coreia do Sul anunciou nesta quinta-feira que vai votar pelo impeachment do presidente Yoon Suk Yeol no próximo sábado diante de sua recusa em renunciar após usar a lei marcial pela primeira vez desde a democratização do país, em 1987.

O decreto relâmpago na noite da última terça, que, na teoria, suspendeu atividades políticas e baniou liberdades civis durante as horas em que esteve em vigor, motivou diversos pedidos de renúncia de funcionários de alto escalão, manifestações massivas em todo o país e uma investigação pela polícia.

Pesa a seu favor o fato de ainda ter algum apoio entre cor-religionários. O Partido do Poder Popular, ao qual o presidente pertence, tentou se afastar da impopular medida e está dividido sobre a crise, mas disse que se oporia ao impeachment.

O líder da bancada parlamentar da sigla, Choo Kyung-ho, afirmou que vai trabalhar para derrubar o pedido e já se defendeu de possíveis críticas dizendo que isso não significa "defender a lei marcial inconstitucional do presidente", ao qual já solicitou que deixe o partido.

## Macron pede que premiê fique no cargo até nomear um substituto

/ FRANÇA

O presidente da França, Emmanuel Macron, recebeu nesta quinta-feira, o pedido de renúncia de seu primeiro-ministro Michel Barnier depois que ele sofreu uma moção de censura do Parlamento. Segundo comunicado, o Palácio do Eliseu "tomou nota" do pedido, mas não disse abertamente que havia aceitado a demissão. Barnier e outros ministros ficarão "encarregados dos assuntos atuais até a nomeação de um novo governo", disse a declaração.

A França entrou em um novo cenário de incerteza depois que deputados da esquerda e da extrema direita derrubaram, na quarta-feira, o governo do primeiro-ministro conservador. Por 331 votos a favor, acima da maioria absoluta de 288, a Câmara pôs fim aos menos de cem dias de governo de Barnier, rejeitando, ainda, seu orçamento para 2025.

Agora, Macron enfrenta a tare-

O resultado é incerto. A oposição capturou quase dois terços dos assentos na Assembleia em uma eleição de abril - um reflexo da impopularidade do presidente, que rondava os 20% antes do decreto -, mas ainda precisa que pelo menos oito dos 108 parlamentares do partido governista para aprovar a medida na Assembleia Nacional, que conta com 300 assentos.

Choo garante que todos os deputados da sigla "permanecerão unidos para rejeitar a destituição do presidente", mas não seria surpresa se algum deles descumprisse a orientação, dada a rejeição que o decreto teve até mesmo entre aliados após a ampla reação da sociedade sul-coreana e de aliados internacionais.

Se a iniciativa for aprovada, o presidente será suspenso e substituído pelo primeiro-ministro, Han Duck-soo, enquanto a Corte Constitucional analisa o caso para emitir um veredicto no prazo de 180 dias. Caso o tribunal confirme a destituição, novas eleições presidenciais serão convocadas em até 60 dias. Yoon não faz aparições públicas desde o início do imbróglio, e seu gabinete informou que o presidente não fará nenhum pronunciamento durante o dia. Enquanto isso, nas ruas, vários protestos exigem sua renúncia ou prisão.

fa crítica de nomear um substituto capaz de liderar um governo minoritário em um Parlamento onde nenhum partido detém a maioria. Yaël Braun-Pivet, presidente da Assembleia Nacional e membro do partido de Macron, pediu ao presidente que agisse rapidamente.

O processo pode ser desafiador. A administração de Macron ainda não confirmou nenhum nome, embora a mídia francesa tenha relatado uma lista de candidatos centristas que podem agradar a ambos os lados do espectro político. O presidente levou mais de dois meses para nomear Barnier após a derrota de seu partido nas eleições legislativas de junho, levantando preocupações sobre possíveis atrasos desta vez. A líder do partido de extrema direita Reunião Nacional, Marine Le Pen, cujo partido detém a maioria dos assentos na Assembleia, não chegou a pedir a renúncia de Macron, mas alertou que "a pressão sobre o presidente ficará cada vez mais forte".